

» Esquecer – desaparecer

*Não, não precisa se estar feliz, nem aflito.
Nem se refugiar em lugar mais bonito
em busca da inspiração.
Não, ela é uma luz que chega de repente
com a rapidez de uma estrela cadente.*

Que acende a mente e o coração.
João Nogueira e Paulo César Pinheiro, *O poder da criação*, 1980

Quando elegemos um tema para **Vórtice**, fazemo-lo para que funcione como uma centelha que aciona o trabalho psíquico, uma inspiração à abertura para pensar sobre o oculto, o encoberto e os desvarios na/da nossa prática psicanalítica e dos acontecimentos na vida. Um estímulo ao que subjaz no sujeito, na política e no social, forjados pelas experiências progressas e atuais em nossa cultura.

Cada um de nós, autores realizadores desta secção – tal qual escritores e poetas – buscamos o poder da criação para encontrar ideias que nos conduzam ao tema, neste caso: *Esquecer – desaparecer*.

O contexto pandêmico, econômico e político da América Latina e do mundo, sem dúvida, é um campo propício às ideias e ao exercício do pensar psicanalítico na investigação de novos caminhos para a humanidade. Contudo, sob o efeito devastador da Covid-19, há aqueles que se sentem inibidos, paralisados pelo medo, incapazes de

um movimento que não seja o dos cuidados para a própria sobrevivência. Seja como for o vórtice está formado.

Precisamos de palavras para os elos psíquicos, enquanto alguns se perdem pelo silêncio, pelo abandono ou pela falta de palavras que os sustentem. Os textos também são assim, costurados entre elos encontrados e perdidos que flutuam e se oferecem à pescaria. Se o mar não está para peixe, mergulhe fundo em poesia, em pensamentos cadenciados, em protestos rítmicos, e poderemos vislumbrar os punhos fechados sinalizando a luta que tudo guarda da vida. Esquecer-desaparecer?

A experiência que ora vivemos jamais será esquecida, ficará na memória e na história para as futuras gerações.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2019) discorre sobre o trabalho do sonho; o esquecimento e a laboriosa tarefa de trazer à consciência os conteúdos oníricos. Em 1898, em *O mecanismo*

psíquico do esquecimento, o próprio Freud relata seu esquecimento a respeito do nome do pintor dos afrescos de Orvieto, mas ele sabia que há razões que a própria razão desconhece, sabia que nada é esquecido, mesmo quando não se tem acesso à ideia ou quando não se quer lembrar.

Esquecer pode ganhar o sentido de *desaparecer*, como na brincadeira do Fort-Da, pelo deslizamento de um carretel, possivelmente uma tentativa de modificar as marcas da dor e do trauma na busca de saídas.

No âmbito social esquecer pode ter o sentido de *apagar*: a história, o outro, as diferenças, de fazer desaparecer, assim como a própria humanidade faz com o diverso, tornando-o um objeto invisível. Assim são os atos do racismo, do fascismo ou do nazismo que operam ao longo da história e que, pelo processo da repetição, insistem em se apresentar no presente.

Nesta seção, Liana Albernaz (Brasil) nos apresenta uma leitura aguçada e sensível de uma realidade preocupante em que os recursos naturais e culturais conquistados pela humanidade correm o risco de desaparecer por serem negligenciados e esquecidos. De um modo original, Liana pensou o *Fort-Da* para relacionar o tema *esquecer-desaparecer* de **Vórtice** com a democracia ameaçada de desaparecer em razão do movimento de uma matriz ditatorial que ressurgiu no cenário brasileiro e de vários países, e sua insistência em se fazer presente por meio da resistência daqueles que não a esquecem.

Em face da angústia de sermos abandonados e esquecidos, também nós, psicanalistas, somos convocados a pensar e a agir solidariamente, como propõe a autora, para não deixar que a democracia seja esquecida e morra.

O texto de Gladys Franco (Uruguai) traz à tona o impacto provocado pelas perdas em que não há um corpo para velar ou para enterrar. A questão dos desaparecidos é um tema essencial quando se fala em *esquecer*, e a maneira que a autora aborda o assunto nos faz sentir a angústia e a dor profunda dos familiares.

Gladys descreve a dor das mães e dos parentes dos desaparecidos no Uruguai e

utiliza-se da poesia para sua exposição sensível. Baseia-se no olhar psicanalítico para compreender o trauma, a dor e os mecanismos psíquicos e sociais que acompanham a impossibilidade de uma narrativa diante do horror. Conclui chamando a atenção para a necessidade de honestidade sobre fatos e histórias para que as gerações futuras não caiam na repetição do mal e sejam protegidas por uma memória aberta ao aprendizado.

O *esquecer-desaparecer*, no olhar de Ane Marlise Port Rodrigues (Brasil), começa no brincar da criança que, sentida como *invisível* na casa do pai, tenta transformar o sofrimento e esquecer por um tempo a sua dor. A autora explora o conceito freudiano do pensamento mágico e onipotente que serve como proteção contra o desamparo, presente na criança que busca ser vista. Sugere também que o mesmo recurso psíquico leva indivíduos adultos e sociedades a uma lógica do mal, banalizando e *apagando* os descuidos, as negligências e as injustiças praticados no campo social, político e ambiental, mantendo invisível nossa humanidade. Torná-la visível é, portanto, o nosso desafio.

Ricardo Carlino (Argentina; México) faz um percurso por diferentes mecanismos psíquicos que correspondem às várias formas de esquecimento: supressão, repressão, até chegar a uma compreensão do momento atual da pandemia e ao que ele apresenta como “terrorismo social ideológico” em referência à proibição de pensar.

No campo social, refere-se ao período pós-ditadura na Argentina, mas também encaminha para a reflexão sobre situações no contexto das instituições psicanalíticas e, do mesmo modo, se reporta às manifestações sociais em face da atual pandemia. São contextos e situações totalmente diferentes, mas tanto em uns quanto em outras o fio condutor comum é a colonização do pensamento ocupado por uma forma de mandato do ideal do eu de cada membro da massa. O ponto que nos parece central é “o que não pode ser pensado”, o que deve “desaparecer” do pensamento.

Eduardo de São Thiago Martins (Brasil) apresenta-nos um texto que prende a

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

atenção do leitor pela mescla de uma prosa poética com cenários da dura realidade compartilhada com quem acompanha sua descrição. O autor fala da delicadeza da vida, da fragilidade do corpo, do trauma do desaparecimento e da morte, como faz a equilibrista que manobra suas varetas com proeza e confronta o espectador com o apagamento de sua obra. Eduardo constrói seu texto com fortes imagens que vão compondo uma escultura que nos esforçamos para não esquecer, talvez por se tratar justamente da transitoriedade da existência.

Teresa Ciudad (Peru) nos diz que o esquecimento, como recurso diante da impossibilidade de experimentar a dor, remete ao drama do desvelamento da memória como parte do exercício do luto e também, ao delicado trabalho do analista de abordar o esquecido e acompanhar o sofrimento pessoal e social na difícil tarefa de recordar.

Trabalho que, para a autora, passa por reviver a raiva e a impotência que a humanidade sente diante do drama coletivo da pandemia, por transitar pela dor dessa experiência, chorar pelos que se foram; fazer o luto das perdas que vivemos.

A autora aborda a problemática da pandemia aludindo ao esquecimento como recurso vinculado a mecanismos defensivos. Aponta para a possibilidade de os analistas ajudarem a elaborar e a apostar no trabalho de reconstrução na esfera social, e que é a memória – e não o esquecimento – que permite continuar vivendo.

A ênfase do texto é posta na necessidade de recorrer ao esquecimento quando se torna impossível vivenciar a dor. Aponta para a importância de uma postura respeitosa diante do esquecimento de um sofredor, tanto na clínica quanto no convívio social.

Paola Amendoeira (Brasil) convoca-nos à memória de Virgínia Leone Bicudo e o seu esforço para retirar da invisibilidade e do desaparecimento o sofrer psíquico provocado pelo preconceito racial.

O texto de Paola é uma homenagem à mulher pioneira, de personalidade forte, negra, socióloga e psicanalista que ajudou a implementar e a promover a psicanálise no Brasil. A obra de Virgínia tratou de de-

nunciar o racismo em uma época em que dominava a ilusão da democracia racial nacional. Contudo, a sua cor e o seu sofrimento pessoal decorrente do racismo parecem ter continuado invisíveis, por várias décadas, aos olhares externos.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 4). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1986). O mecanismo psíquico do esquecimento. Em J. Salomão (org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 315-326). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898).

Calibán -
RLP, 18(2),
113-115
2020

»

Liana Albernaz de Melo Bastos*

O fort-da da democracia no Brasil

Em 1915, Ernst brincava com seu carretel. Tinha um ano e meio. Era o primeiro filho de Sophie, a mais bonita das filhas de Freud.

O *Fort Da*, o primeiro jogo autocrado, como a ele se referiu Freud (1920/1985), tornou-se célebre em *Além do princípio do prazer*. A ação enigmática e repetida acompanhada de algumas palavras e sons, que despertava tanto prazer e alegria em Ernst, levou Freud a buscar uma compreensão. O carretel simbolizava a mãe. Ao mandá-la embora (*Fort*) Ernst exultava. Em seguida, ele a trazia de volta (*Da*) e o jogo terminava para logo ser reiniciado. Freud concluiu que o prazer deste jogo consistia em trocar a passividade da experiência de ser abandonado pela mãe por atividade. Era Ernst quem, pelo *Fort Da*, determinava a presença e ausência materna.

Cinco anos depois, Sophie morreu de pneumonia e Ernst ficou aos cuidados de sua tia Anna. Tornou-se, como o avô, psicanalista, dedicando-se ao estudo das relações precoces entre o bebê e a mãe (Roudinesco e Plon, 1998).

Também um outro avô, Chico Buarque, contou na canção para seu neto, Chico Brown, dos sentimentos do bebê na presença-ausência materna:

Que horas você volta?

*Seu beijo nos meus olhos, seus pés
que o chão sequer não tocam.
A seda a roçar no quarto escuro
e a réstia sob a porta.*

*Onde é que você some?
Que horas você volta?*

*Quem é essa voz?
Que assombração
seu corpo carrega?
Terá um capuz?
Será o ladrão?
Que horas você chega?*

*Me sobre novamente as canções
com que você me engana.
Que blusa você, com o seu cheiro
deixou na minha cama?
Você, quando não dorme,
quem é que você chama?
(Buarque e Guinda, 1998, 50s-1m59s)*

[...]

*No sonho de quem
você vai e vem
com os cabelos
que você solta?
Que horas, me diga que horas, me diga.
Que horas você volta?
(2m15s-2m36s)*

Chico Brown, como seu avô, é músico. O que Freud e Chico Buarque trataram, com linguagens diferentes, é da angústia que se apossa de todos os bebês – e dos bebês que continuam em nós – de serem abandonados e esquecidos. O que é temido é a ausência daquele/daquela que cuida e ampara. A ausência – e para os bebês esse tempo é todo o tempo – é equivalente a uma morte. “O tempo alongado da espera retarda o instante em que o outro poderia oscilar secamente da ausência à morte” (Barthes, 1977/1981, p. 94).

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.